

ARGUMENTAÇÃO E SENTIDO NA INTERAÇÃO ONLINE

Vanda Maria da Silva Elias*
Mônica Magalhães Cavalcante**

Introdução

Neste capítulo, temos por objetivo discutir o posicionamento como um componente do processo argumentativo, considerando aspectos como contexto, referenciação e coerência no modo de produção hipertextual. Situando a discussão em um quadro teórico de base sociocognitiva, assumimos os seguintes pressupostos:

- o uso da língua sempre parte de alguém e se dirige a outro alguém, e esse processo intersubjetivo é revelador de saberes e querer dos sujeitos em interação, portanto de posicionamentos que apontam para uma certa direção, argumentativamente falando;
- a referenciação, compreendida como um processo de (re)construção de referentes no e pelo discurso (Mondada e Dubois, 2003), é peça de fundamental importância na marcação do posicionamento;
- o posicionamento funda-se na interação e envolve o modo como os sujeitos interagem, atos comunicativos e objetivos, desvelando-se na dimensão do texto ou do hipertexto;
- o texto é uma entidade multifacetada cuja constituição envolve elementos verbais e não verbais, além de uma complexidade de conhecimentos de natureza diversa que não se deixa mostrar à primeira vista na materialidade linguística;
- o hipertexto é um constructo caracterizado pelos traços da conexão múltipla entre textos; não linearidade; não delimitação; flui-

* Professora Adjunta da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIFESP e membro do Grupo de Pesquisa PROTEXTO, CNPq.

** Professora Associada da Universidade Federal do Ceará. Membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC e líder do Grupo de Pesquisa PROTEXTO, CNPq.

dez; variedade de temas, de gêneros textuais e de linguagens, resultante do trabalho realizado colaborativamente por usuários em interação on-line;

- o contexto é uma interpretação subjetiva, embora fundamentada socialmente, que os interlocutores produzem sobre as situações comunicativas, com fundamental importância na construção da coerência;
- a coerência é um fenômeno produzido colaborativamente mediante operações linguísticas e cognitivas realizadas local e globalmente.

A partir desses elementos, o texto foi dividido em duas seções: a primeira é dedicada à constituição do quadro teórico que fundamenta a análise e a discussão dos dados; a segunda, à análise propriamente dita e a discussão dos resultados.

1. Linguagem e argumentação

A linguagem é uma forma de interação e, como tal, seu uso é regido pela intenção que se deixa representar de determinada forma no enunciado, apontando para relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, determinadas reações verbais ou não verbais que esperamos provocar no nosso interlocutor (Koch e Elias, 2016).

Como seres dotados de razão e de vontade, constantemente avaliamos, julgamos, criticamos, isto é, formamos juízos de valor. E, por meio do que dizemos (na fala ou na escrita), tentamos influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que o outro compartilhe de nossas opiniões. Por essa razão, o ato de argumentar, isto é, de orientar o que se diz para determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, conforme afirma Koch (1987).

Na constituição do ato de argumentar, variadas estratégias (Koch e Elias, 2016) apontam para a complexidade de fatores envolvidos no uso da língua e dos interesses em jogo, no curso mesmo da interação. Isso significa dizer que:

- o processamento depende não só de características textuais, como também de características dos usuários da língua (objetivos, convicções, conhecimentos);
- “as formas não são analisadas *per se*, mas como fontes para as interações, (Marcuschi, 2003, p. 253);
- os interlocutores cooperam e negociam significados e posições no contexto da situação em um processo discursivo, dinâmico, relacional e ativo constituído por complexas e múltiplas camadas de significação.

A esse entendimento do ato de argumentar numa perspectiva interacional subjaz a noção de posicionamento. Compreendido, por Barton e Lee (2015), como o modo pelo qual os significados dos enunciados são constituídos e como os escritores (ou falantes) se dirigem aos seus interlocutores, o posicionamento envolve quatro componentes principais: a pessoa que o expressa, o tema discutido, os recursos utilizados e o destinatário.

Ainda enfatizam Barton e Lee (2015) que o posicionamento, como um ato que se funda na interação e é marcado, portanto, pelo traço da intersubjetividade, não indica apenas como um indivíduo marca sua posição, mas também os atos comunicativos que alguém quer alcançar ao fazer isso, e como a marcação do posicionamento promove a interação.

2. Posicionamento e referenciação

Não são poucas as vezes que, em nossas interações do dia a dia, paramos para pensar na melhor forma de fazer referência a um acontecimento, uma atitude ou ação, uma fala nossa ou de alguém, um sentimento ou emoção, aos objetos existentes no mundo, enfim. Isso acontece na esfera cotidiana ou em qualquer esfera de atuação humana.

Na perspectiva sociocognitiva aqui assumida, isso significa dizer que o referente se constrói no nosso dizer, no modo como constituímos esse dizer, de acordo com o nosso objetivo, a nossa intenção, os nossos interlocutores, a situação em que nos encontramos envolvidos. As expressões referenciais, além da função referir, indicam pontos de vista,

assinalam direções argumentativas, sinalizam dificuldades de acesso ao referente e recategorizam objetos presentes na memória discursiva (Koch, 2002; Koch e Elias, 2016).

Nos movimentos de introdução, focalização e manutenção de referentes, as formas nominais vão orientando argumentativamente para uma dada conclusão. Então, não é difícil constatar como o emprego de expressões nominais referenciais opera a categorização/ recategorização desses objetos, para atender a determinados propósitos comunicativos.

Estudos situados nessa perspectiva, como os de Cavalcante e Matos (2016); Ciulla e Matos (2016) e Elias (2010), chamam a atenção para o valor axiológico de expressões referenciais e para o papel avaliativo dessas expressões na condução argumentativa, na defesa da posição de que certos nomes de expressões referenciais empregados valorativamente auxiliam no processo argumentativo, quando considerado o funcionamento dessas expressões no texto, numa perspectiva global e não apenas localizada.

Esses traços do referente funcionam como importantes sinalizadores de opiniões, crenças e atitudes do seu produtor, auxiliando o leitor (ou ouvinte) na construção de sentidos. Dizendo de outro modo, as formas referenciais têm o poder de orientar o interlocutor no sentido de determinadas conclusões, constituindo-se, por seu valor persuasivo, um dos mais importantes recursos argumentativos que a língua nos oferece (Koch, 2004).

Se o processo argumentativo tem o posicionamento como um dos elementos de sua constituição e se o posicionamento envolve sujeitos, tema e objetivo, então, para esse processo contribui de forma significativa o processo referencial, em razão da multiplicidade de funções que assume o referente, entre elas, a de indicar para uma dada orientação argumentativa e a de contribuir para a construção da coerência.

3. (Con)texto e coerência textual

Com base nos estudos de Barton e Lee (2015), situamos o posicionamento no quadro dos elementos constitutivos do processo argumentativo, porque compreendemos, como o faz van Dijk (2012, p. 268), que “a argumentação é acerca de posições assumidas pelos participantes, acerca de intenções e crenças dos usuários da língua e acerca de relações entre participantes, e tem, por isso mesmo, uma base contextual.”

Partindo da hipótese de que “os modelos de contexto controlam muitos aspectos da produção e compreensão de textos, o que significa dizer que os usuários da língua, além do processamento discursivo, estão engajados em construir dinamicamente uma análise e interpretação subjetiva on-line” (van Dijk, 2012, p. 87), o autor concebe o contexto como modelos mentais de situações comunicativas sociais, que são caracterizadas por informações sobre os ambientes ou os participantes e suas ações, bem como representam necessariamente coisas como intenções, propósitos, objetivos, conhecimentos e outras propriedades mentais.

A essa abordagem sociocognitiva de contexto, encontra-se alinhada a concepção de texto como um evento interacional, considerados nesse processo, de forma situada, os sujeitos envolvidos, intenções e objetivos em jogo, e conhecimentos de ordem linguística, textual, cognitiva, social, cultural e interacional.

Disso podemos extrair duas conclusões:

1. todo texto é constituído por muito mais informação do que revela;
2. toda parte *invisível* do texto, juntamente com o que nos é apresentado em sua superfície, está relacionada ao contexto, o que significa dizer que não se pode pensar em uso da língua e, pois, em texto, sem pensar em contexto.

Numa concepção de texto assentada na interação, o sentido é um *constructo*, não podendo, por conseguinte, ser determinado *a priori*. Isso significa dizer que a produção de sentidos demanda a ativação de conhecimentos de língua, textos, tipos, gêneros, suportes, linguagens variadas, das coisas do mundo e de como os sujeitos neste mundo agem e interagem. Daí a compreensão de que o sentido não é algo que se encontra apenas no texto ou que depende apenas do texto, podendo ser marcado como se fosse uma propriedade textual, mas, sim, é resultado do uso de estratégias e de conexões estabelecidas (Beaugrande, 1997).

Essas conexões, derivadas de uma atividade global e não apenas localizada, promovem a coerência textual, concebida por Marcuschi (2007) como um processo que, centrado no estabelecimento de relações entre conhecimentos de ordem linguística, cognitiva, social e interacional, pressupõe o uso da língua pensado de forma colaborativa e situada.

A coerência exige, assim, atenção ao contexto entendido em ampla acepção como bagagem cognitiva que possibilita aos sujeitos construir sentidos que vão sendo ajustados e reajustados no curso mesmo da interação. No dizer de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 21), a coerência “surge da percepção de uma unidade negociada de sentido que depende da intenção argumentativa do locutor, da coparticipação do interlocutor, das indicações marcadas na superfície do texto e de um vasto conjunto de conhecimentos compartilhados”.

Essa posição reforça a nossa condição de “caçadores de sentido” (Dascal, 1999) e põe em relevo a compreensão de que a coerência resulta da interação, em um rico processo que envolve: intencionalidade/ aceitabilidade, conhecimentos compartilhados (de língua, de textos, de mundo, de situação comunicativa, de variadas linguagens), balanceamento de informações novas e velhas (grau de informatividade), identificação de um tema/assunto e sua progressão/continuidade, (re)construção e manutenção de referentes concebidos como objetos do discurso (referenciação), modelos de configuração textual (gêneros textuais), suportes e suas implicações no modo de escrita e leitura, no modo de interação produtor e leitor. Este último aspecto é foco de nossa atenção no tópico a seguir dedicado à questão do hipertexto.

4. Hipertexto: foco na participação e interação *online*

Na atualidade, deparamo-nos com produções que resultam da interação e colaboração dos usuários em espaços *online*, como o das mídias sociais digitais (Facebook, Twitter, *blogs* etc). Esses ambientes, possibilitados pela tecnologia constitutiva da Web 2.0, se caracterizam: por uma escrita que ocorre em fluxo, por conteúdo autogerado e interatividade, pela criação e publicação por parte dos usuários de seus próprios textos usando recursos e linguagens variadas, pelo compartilhamento desses textos com outros e pelo sistema de comentários (Barton e Lee, 2015).

Pensando nas inovadoras formas de comunicação e interação hoje existentes, a concepção de hipertexto como um texto sem fronteiras delimitadas, que se expande pela atuação do leitor, na atividade de seguir ou atualizar *links* em uma dada sessão ou espaço de tempo (Elias, 2000,

2005, 2012) demanda uma ampliação, para acomodar em seu interior o traço da participação colaborativa na interação *online*, principalmente por meio do sistema de comentários.

Com esse propósito, surge a proposta de rever os estudos sobre o hipertexto, para concebê-lo como um construto caracterizado por traços da conexão múltipla entre textos, não linearidade, não delimitação, fluidez, variedade de temas, de gêneros textuais e de linguagens, resultante da participação e do trabalho realizado colaborativamente por usuários em interação *online*.

Nessa concepção atualizada de hipertexto, encontram-se em evidência as múltiplas conexões que podem ser feitas não só dentro de um texto, mas entre textos, num movimento de intensa participação e colaboração de usuários em espaços de interação na rede, como o propiciado pelas mídias sociais, principalmente em se tratando dos comentários, como discutido a seguir.

5. Posicionamento na interação *online*: uma exemplificação

Para atingir o objetivo de analisar o posicionamento como um componente da argumentação, foi selecionado um recorte hipertextual produzido na página do Facebook da Folha de S. Paulo, em que há a participação efetiva de usuários por meio da produção de comentários.

A escolha desse tipo de produção hipertextual justifica-se porque: 1) as redes sociais, de um modo geral, atraem numerosa quantidade de usuários; 2) os textos espontaneamente produzidos na interação *online* se constituem em rico material para a reflexão sobre o uso que fazemos da língua, sobre o modo pelo qual configuramos os textos e as funções que assumem; 3) os arranjos textuais que compõem hipertextos solicitam ampliação do nosso olhar para a compreensão de novos processos de comunicação e de interação propiciados por “tecnologias da mente e da experiência”, e, em decorrência disso, para questões relacionadas a texto, contexto, argumentação e sentidos.

O hipertexto selecionado, a título de exemplificação, foi produzido no dia 6 de outubro de 2016:

Imagem 1 – Página do Facebook (#folha #humor tan tan)



Fonte: Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/search/str/%23+folha+%23humor+tan+tan/keywords_search.

Acesso em: 6 out. 2016.

5.1 Posicionamento e contexto

De acordo com o princípio de funcionamento da rede social Facebook, o jornal publica uma notícia e espera a manifestação dos leitores por meio das opções *curtir*, *compartilhar* ou *comentar* que, quantificadas, são importantes indicadores da repercussão da notícia. Deparamo-nos, assim, com uma produção escrita que:

- 1) é constituída em torno de um tema proposto pelo jornal;
- 2) envolve muitos usuários, tantos quantos quiserem participar, por meio da produção de comentários, num processo de interação *online* que não oferece restrição de espaço ou tempo;
- 3) é prolongada de acordo com a participação *online* de usuários na forma de comentários;
- 4) comporta *links* que promovem a (re)configuração da escrita e, em sua base, acomoda modelos textuais distintos.

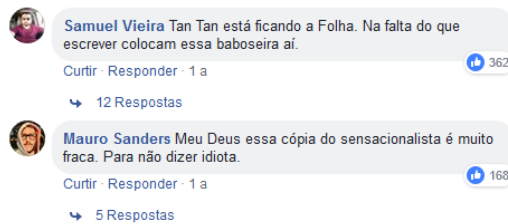
Do ponto de vista do contexto como interpretação subjetiva da situação de comunicação, como discutido anteriormente, é esperado que os usuários, na interação *online*, tenham conhecimento do espaço em que podem atuar e das ações que podem realizar como curtir, compartilhar ou comentar uma notícia ou outro comentário, identificar o tema e mantê-lo em evidência por meio de referentes que sugiram essa remissão.

Se diante de um hipertexto em constante reconfiguração devido à colaboração de usuários em interação *online*, conseguimos estabelecer uma relação entre os textos, identificar uma orientação temática e referentes implicados, conectar os textos aos contextos humanos em que ocorrem, com toda a sorte de conhecimentos envolvidos nesse empreendimento e construir para o arranjo textual uma dada moldura que nos permite encerrá-lo momentaneamente num quadro interpretativo, então produzimos sentidos e podemos pensar em coerência hipertextual.

5.2 Posicionamento, referenciação e coerência na interação online

Para focalizar o processo referencial e a sua importância na construção do posicionamento e de sentidos, são feitos dois recortes (casos 1 e 2) no material selecionado, justificados por uma questão meramente didática.

Imagem 2 - Caso 1



Fonte: Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/search/str/%23+folha+%23humor+tan+tan/keywords_search.

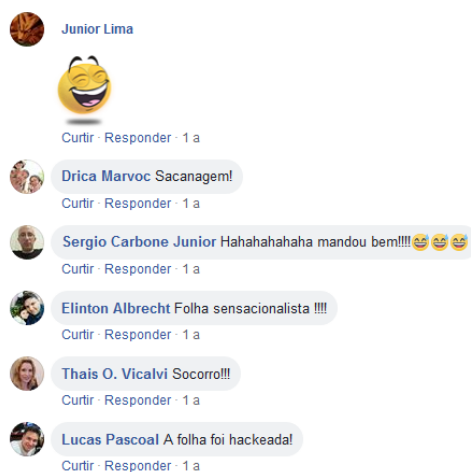
Acesso em: 6 out. 2016.

No recorte hipertextual, as expressões nominais referenciais “essa baboseira aí” e “essa cópia do sensacionalismo”, que foram introduzidas nos comentários 1 e 2, respectivamente, se constituem em peças-chave

para o posicionamento dos sujeitos em relação ao objetivo comunicativo, para a conectividade entre textos que compõem esse arranjo textual (notícia e comentários) e para a coerência pensada como uma atividade que se realiza colaborativamente no plano interacional.

Trata-se, pois, de expressões sinalizadoras do posicionamento assumido pelos sujeitos, visto que apontam para uma avaliação negativa da matéria e, conseqüentemente, do jornal. Assumem, assim, essas expressões referenciais uma destacada função de orientação argumentativa, quando considerada a conectividade entre gêneros textuais distintos, e entre esses textos e contextos humanos em que a interação ocorre.

Imagem 3 - Caso 2



Fonte: Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/search/str/%23+folha+%23humor+tan+tan/keywords_search.

Acesso em: 6 out. 2016.

Comentários como esses são produzidos quando se quer imprimir rapidez ao texto, uma característica do contexto em que ocorre a interação *online*, em que é solicitada a produção. Então, no contexto em que foram produzidos, os comentários têm como referente alvo a matéria, e este referente pode ser percebido na conectividade estabelecida entre texto-fonte (notícia) e comentários, no espaço da rede. Nesse sentido, contextualmente, a matéria compõe uma espécie de base comum que ancora os comentários e possibilita aos usuários, no movimento interacional, situar os referentes a que aludem, de forma explicitada ou não.

Além disso, observamos que, no conjunto de comentários, os usuários compartilham uma linguagem comum e outros conhecimentos, produzem atos de fala sob determinadas regras, observam o tema em andamento, o que dá identidade à situação e indica a relevância dos atos de fala dos participantes, perseguem um objetivo colaborativamente, representam o que é seu entorno no momento, a situação em que estão pensando, agindo, falando, escrevendo, ouvindo ou lendo neste momento.

Como produções individuais, os comentários entram na composição de um arranjo textual, mas somente quando consideradas as relações entre textos, sujeitos, tema e objetivos, que são colocados em jogo no movimento interacional, no qual encontram a sua razão de ser. Assim, cada comentário individual é constituinte de um propósito global que possibilita entender as ações dos falantes durante a interação e a marcação de seu posicionamento.

É importante reiterar que, da forma pela qual se apresentam, os comentários referem-se a algo (matéria do jornal), têm um alvo (o jornal) e atendem a uma solicitação no espaço da rede: marcar o posicionamento dos usuários em relação ao foi postado pelo jornal, que, no caso do exemplo, se constitui em reprovação à matéria, com exceção dos comentários:



Fonte: Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/search/str/%23+folha+%23humor+tan+tan/keywords_search.
Acesso em: 6 out. 2016.

A observação do conjunto de comentários indica que:

- o tema em discussão e os referentes dele decorrentes sinalizam para um modelo de contexto entendido no plano das relações

entre os sujeitos, seus conhecimentos compartilhados e intenções em jogo, de base sociocognitiva e interacional;

- o modo como os leitores reagem ao texto por meio de comentários é revelador das conexões entre texto, sociedade e cultura ou do quanto “o ato de compreender algo é inseparável do ato de relacionar o que compreendemos a outras coisas” (Dascal, 1999, p. 79);
- o posicionamento aponta para o modo pelo qual o participante da interação *online* marca sua posição, para os atos comunicativos que quer alcançar ao fazer isso, bem como para a forma como a marcação promove a interação;
- a coerência é um ato coletivo que envolve ações coordenadas e situadas. Em produções hipertextuais que contam com a participação espontânea e colaborativa de usuários em interação *online*, a produção de sentidos não pode ser baseada apenas em termos da concatenação linear e sequenciada de tópicos ou de referentes que se encadeiam em procedimentos de boa-formação, mas, sim, em termos do uso da língua marcado pelas necessidades localizadas e situadas em contextos cognitivos que se organizam contingencialmente (Marcuschi, 2007, p. 29).

Considerações finais

Neste capítulo, foi discutido como, no processo argumentativo, ocorre o posicionamento em produções hipertextuais que pressupõem a participação e colaboração de usuários na interação *online*, e como, nesse processo, o contexto e a referência concorrem para a construção de sentidos.

Ancorada em estudos do texto de base sociocognitiva, a reflexão se estendeu do texto ao hipertexto, numa tentativa de alargar o olhar e a compreensão em relação a fenômenos que devem ser considerados na especificidade de sua constituição em arranjos textuais próprios do ambiente de rede e, como tal, caracterizados por uma multiplicidade de textos e de autores, em um movimento constante de atualização dos aspectos contextuais.

Nessa perspectiva pluritextual, a concepção de contexto, como uma interpretação subjetiva da situação comunicativa com todos os elemen-

tos que lhe são constitutivos, e a de coerência, como um processo que leva em conta não apenas uma ação individual, mas, sim, uma ação coletivamente empreendida, embasaram a análise do posicionamento construído por usuários em seus comentários *online*.

Na análise de arranjos textuais que compõem hipertextos, os comentários foram concebidos não como a reunião de vários atos individuais e independentes, mas, sim, como resultantes de várias ações conjuntas empreendidas pelos usuários na interação *online*.

Os resultados da análise indicaram que o processo referencial é um elemento de fundamental importância na instauração e na compreensão do posicionamento dos usuários nos comentários que produzem em rede, solicitando do analista que adote uma perspectiva que promova o estabelecimento de conexões entre textos e suas variadas linguagens (Elias, 2015; 2016), bem como o estabelecimento de conexões entre textos, contextos humanos e tecnologias da mente e da experiência.

Especialmente sobre como os estudos do texto que compõem a ancoragem teórica deste capítulo contribuíram para as reflexões sobre a argumentação, destaca-se que “é na dimensão das relações de textualização que a argumentação se inscreve, em total dependência com as relações de coerência textual. A argumentação é constitutiva do discurso, mas é no texto que ela se expressa.” (Cavalcante, 2016, p. 122).

Inserida no âmbito dos estudos que adotam essa perspectiva, a discussão que por ora se encerra possibilitou uma análise e a compreensão do processo argumentativo no ambiente de rede, em se tratando do posicionamento e da complexidade de fatores envolvidos em sua composição que contribuem para a produção de sentidos. Fica, então, a sugestão para a realização de novos trabalhos que investiguem no hipertexto o processo argumentativo, visando identificar o que ele revela sobre sujeitos, posicionamentos e sentidos.

Referências

- BARTON, D.; LEE, C. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey, Ablex, 1997.

- CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. *ReVEL*, edição especial, v. 14, n. 12, 2016.
- _____; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.
- _____; MATOS, J. G. Discutindo as marcas avaliativo-argumentativas das recategorizações. *Intersecções*. Ed. 18, n.1, fev. 2016.
- CIULLA, A.; MATOS, J. G. Os processos de recategorização na construção avaliativo-argumentativa do texto. *ReVEL*, edição especial, v. 14, n. 12, 2016.
- DASCAL, M. *Interpretação e compreensão*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.
- ELIAS, V. M. Estudos do texto, multimodalidade e argumentação: perspectivas. *ReVEL*, edição especial, v. 14, n. 12, 2016.
- _____. Hipertexto e leitura: como o leitor constrói a coerência? In: CABRAL, A. L. T.; LUC-MINEL, J.; MARQUESI, S. C. (Org.) *Leitura, escrita e tecnologias da informação*. São Paulo: Terracota, 2015. p. 53-74.
- _____. Texto e hipertexto: questões para a pesquisa e o ensino. In: MENDES, E.; CUNHA, J. C. (Org.) *Práticas em sala de aula de línguas: diálogos necessários entre teoria(s) e ações situadas*. Campinas: Pontes, 2012. p.81-98.
- _____. Referenciação e orientação argumentativa em artigos de opinião. In: GUIMARAES, E. (Org.) *Textualidade e discursividade na linguística e na literatura*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010. p. 49-64.
- _____. Hipertexto, leitura e sentido. *Revista Calidoscópico*, São Leopoldo: UNISINOS, v.3, n.1, jan/abr.2005. p. 13-20.
- _____. *Do hipertexto ao texto: uma metodologia para o ensino de língua portuguesa a distância*. 2000. 203f. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.
- KOCH, I. V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
- MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- _____. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: FELTES, H. P. M. (Org.) *Produção de sentido: estudos transdisciplinares*. São Paulo, Annablume; Porto Alegre, Nova Prova; Caxias do Sul, Educ. 2003. p.239-261.
- MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.
- VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.